

O Artilheiro

Símbolo do Brasil

Maj. Eng. QEMA
CLAUDIO MOREIRA BENTO

A Arma de Artilharia do Exército festejou a sua data magna, no 171.º aniversário de nascimento de seu Patrono, o Marechal Luiz Emílio Mallet — Barão de Itapevi. Foi um jovem francês que, com 17 anos, atravessou o Atlântico e veio emprestar toda sua inteligência e energia, para a construção de uma grande Pátria, que nascia e que também seria a sua — o Brasil.

O homem e a história

Há 171 anos, nascia em Dunquerque, na França, o Marechal Emilio Luiz Mallet — Barão de Itapevi, um dos maiores nomes da História do Exército Brasileiro e vulto exponencial da Arma de Artilharia.

Constitui o Sesquicentenário da Independência oportunidade excelente para um reencontro espiritual de todas as gerações de brasileiros, e neste grande balanço cívico de 150 anos, homenagear e reverenciar os que se distinguiram na construção da Pátria Brasileira, na paz e na guerra.

E Mallet merece figurar com destaque nesta galeria de brasileiros ilustres pois embora nascido em território estrangeiro, a contribuição que emprestou ao Exército, principalmente na guerra, pela preservação da Independência, Unidade e Integridade do Brasil, em 69 anos que aqui viveu, 54 dos quais em atividade militar efetiva e 20 na guerra, foi altamente significativa.

Ingresso no Exército

Com 21 anos ingressou no Exército da Independência, como cadete, a convite de D. Pedro I (seu companheiro de mocidade no Rio), dois meses após o 7 de Setembro de 1822.

Em 1824, como 2.^o Tenente, jurou a Constituição e tornou-se brasileiro de direito, pois já se considerava de fato como tal. Viera para ficar. Em 1825, rumou para o Sul no comando de uma bateria de artilharia a cavalo, para lutar na Guerra Cisplatina (1825-28).

Em Passo do Rosário teve seu batismo de fogo. Por ter se revelado bravo, intrépido e eficiente foi promovido a capitão. Ao término do conflito, com 27 anos, casou em Bagé com a filha de um abastado e prestigioso estancieiro e parente próxima do mais tarde General Osório, de quem foi fiel amigo e admirador durante 50 anos e padrinho de casamento.

Com a abdicação de D. Pedro I sua vida de soldado mudou de curso.

Leal a D. Pedro I e a seu comandante, recusou-se a marchar contra eles para o Campo de Santana.

Injustiça

Apesar dos serviços prestados ao Brasil durante 9 anos, foi compelido a demitir-se do Exército, por não ser brasileiro nato. No entanto ele participara do esquema de Segurança da Independência.

Injustiçado, não por sua nova Pátria e pelo Exército, mas por governantes efêmeros tomados de um nacionalismo passional, retornou com a esposa para Bagé, para reiniciar a vida aos 30 anos.

Estancieiro

Tornou-se estancieiro no Quebracho-Bagé, onde nasceram seus filhos, no período 1831-1840: Emília, Pedro Fêliz,

Antônio Júlio e João Nepomuceno. O último viria a ser Ministro do Exército e criador do Estado-Maior do Exército em 1889.

Os dois primeiros acompanharam o pai como cadetes na Guerra contra Oribe e Rosas e, os três, durante toda a campanha da guerra da Tríplice Aliança. Isto diz tudo do seu amor ao Brasil mais do que qualquer tentativa de demonstrá-lo com palavras.

A seguir integrar-se-ia por completo na vida, espírito, costumes e hábitos dos gaúchos. Irmanou-se com eles em suas aspirações, tendências, alegrias, sofrimentos e heroísmos. Em pouco tempo tornou-se um deles e fez do Rio Grande do Sul a sua querência, e do Quebracho em Bagé o seu mundo encantado.

Espírito militar

A Revolução Farroupilha o alcançou dedicado ao trabalho na sua estância, desfrutando do carinho da esposa e dos filhos, modo como conseguiu amenizar a injustiça e incompreensão de que fora vítima.

Tão logo eclodiu o movimento, incorporou-se junto com seu sogro na coluna legalista ao comando do General Bento Manoel, destacando-se na sua organização, com o Ten Osório seu amigo, que a ela veio juntar-se mais tarde.

Em 1837 coube-lhe fortificar a vila de Rio Grande, objetivo estratégico dos farroupilhas. Por este assinalado feito foi nomeado major da Guarda Nacional, função privativa de brasileiros natos.

Após a paz de Ponche Verde, onde, segundo o General Osório; "os farroupilhas que se batiam com valor transigiram com dignidade e os imperiais que os combateram com pertinácia os receberam com amor", Mallet retornou para sua estância, com a consciência de haver prestado um grande serviço à Unidade do Brasil.

A Pátria chamou

Em 1851, após curtir 20 anos de saudades do Exército, a Pátria reclamou seus serviços na Guerra contra Rosas e Oribe.

Com 50 anos não resistiu ao chamamento. Atendeu, prontamente, dentro da filosofia que tem inspirado os artilheiros do Brasil ao longo de seu processo histórico e dos quais ele veio a se constituir em símbolo.

“Se for mister um esforço derradeiro
E fazer do seu corpo uma trincheira
Abraçado ao canhão morre o artilheiro
Em defesa da Pátria e da Bandeira”.

Boi-de-botas

Seguiu para a campanha no comando do legendário Regimento de Artilharia a Cavalos. Mas o que é edificante e comovedor: acompanharam-no como cadetes, dois filhos, com 16 e 18 anos.

Nesta campanha Mallet escreveu uma bela página da história de nossa artilharia, no comando de seu regimento apelidado — *Boi-de-Botas*, em razão dos bois que tracionavam suas peças apresentarem as pernas recobertas de barro, como se calçassem botas, resultado das freqüentes travessias de banhados e atoleiros e por seus soldados calçarem longas e pesadas botas guarnecidas de metal. A espirotuosidade brasileira logo funcionou e o apelido pegou e transferiu-se aos soldados da unidade, incorporando-se à tradição.

Justiça parcial

Em 1851, o Poder Legislativo atendendo à Exposição do Ministro da Guerra concordou com a reintegração de Mallet no Exército quando ele já se encontrava há mais de um mês em campanha. Somente em 1855 foi-lhe feita justiça parcial. Por decreto de 6 Out 1855 foi reintegrado no mesmo posto de capitão que ocupava quando fora demitido 24 anos antes.

Fora-lhe concedido o recebimento dos atrasados e que computasse o tempo em que esteve fora do Exército, como de efetivo serviço, o que lhe permitiu estabelecer um recorde nacional de tempo para a inatividade — 63 anos.

Como capitão, aos 54 anos, ao tempo em que muitos de seus colegas de escola já eram generais, reiniciou sua carreira. Não esmoreceu, aplicou todas as energias para recuperar o tempo perdido. Atingiu o generalato com 70 anos, e foi aposentado como Marechal-de-Exército com 84 anos, após haver sido Comandante da Fronteira de Bagé, Comandante das Armas de Pernambuco (onde se encontrava há um século) e do Rio Grande, Inspetor dos Corpos de Cavalaria e de seu querido regimento em São Gabriel — o legendário 1.º Regimento de Artilharia a Cavallo.

Nesta sua última comissão, quando em São Gabriel, foi que o jovem João Borges Fortes, mais tarde general e destacado historiador gaúcho, conheceu Mallet e dele deixou as impressões na sua obra *Episódios da Vida do Primeiro Regimento*, publicada na revista *A Defesa Nacional* n.º 98-1921, n.º 118-1923 e n.º 126-1924.

A este historiador, autor de valiosos e básicos trabalhos no período 1931-1941, sobre o povoamento, penetração e genealogia do Rio Grande do Sul, caberia a tarefa de auxiliar a composição do retrato oficial de Mallet com base num antigo retrato de 1865 e na sua lembrança de Mallet, cerca de 18 anos após. O historiador em questão doou, em 1942, este retrato ao Gabinete Fotocartográfico do Exército.

Exemplo

Mallet como Tenente-Coronel seguiu com seus três filhos e seu amado regimento para a Guerra da Tríplice Aliança.

Esteve em campanha durante seis longos e sofridos anos junto de sua unidade, sem faltar um só dia, enquanto duraram as campanhas do Uruguai e Paraguai.

Brilhou em Paissandu e no cerco de Montevideo.

Algumas peças de sua unidade, embarcadas na corveta Belmonte, participaram da Batalha do Riachuelo.

Uma bateria, ao comando de seu filho João Nepomuceno e sob sua supervisão direta, foi a primeira artilharia a desembarcar em solo inimigo junto com o Marechal Osório. Foi colocada em posição a braço, em razão dos muares que a tracionavam terem empacado na prancha de desembarque.

Glória

Na Batalha de Tuiuti teve atuação decisiva à frente de seus bravos.

Ocupando terreno difícil e inadequado para colocar sua Artilharia, tratou de superar esta deficiência com um artifício tático.

Auxiliado pelo Batalhão de Engenheiros e por outras tropas, cavou enorme fosso a noite, para que o inimigo não o avistasse, atrás do qual colocou seus 28 canhões, entre eles, seus célebres La Hitte raiados.

Ao ver lançar-se sobre sua posição, com todo o ímpeto, a valorosa e intrépida cavalaria inimiga, Mallet, qual regente de uma afinada orquestra, ordenou a seus bravos:

"Granada e metralha — espoleta 6 segundos. Eles que venham! Por aqui não passam!"

E sua artilharia disparou numa cadência e sincronização impressionante, lembrando tiros de revólver.

O Marechal Osório impressionado e surpreso com tamanha perfeição a batizou de *Artilharia Revolver*.

No momento em que Mallet teve desamparado seu flanco esquerdo correu em auxílio do seu regimento o Batalhão de Engenheiros que combateria como infantaria naquele flanco e na defesa do fosso e das trincheiras que envolviam a Artilharia.

Aí, sob o comando direto de Mallet, participaram dois futuros presidentes do Brasil, o então Major Hermes da Fonseca comandando uma das baterias do seu Regimento, e o Ten Floriano Peixoto, comandante de uma fração do Batalhão de Engenheiros, este comandado depois, de 1880-1882, por João Nepomuceno Mallet.

Nesta batalha o Batalhão de Engenheiros esteve subordinado à Brigada de Artilharia, pois seus oficiais eram de artilharia, de igual forma que a mais nova arma do Exército, as Comunicações, que por muitos anos era integrada por oficiais de Engenharia.

No mais aceso da batalha regendo sua orquestra, vez por outra Mallet chamava por seus três filhos num português afrancesado e especialmente por João Nepomuceno o mais moço e mais arrojado.

Joazinho!!! Estas bien mon enfant. Resposta positiva e tranqüilizante, o artilheiro líder de 67 anos de idade voltava a animar a bateria para o combate que duraria 4 horas e meia. O Regimento de Mallet e o Batalhão de Engenheiros, aliados à ação pessoal de Osório e dos bravos da Divisão Encouraçada de Sampaio, foram fatores decisivos para a vitória das nossas armas em Tuiuti — a maior batalha campal da América do Sul.

Consagração

Pela eficiência, bravura e sangue frio revelados em Tuiuti, Mallet virou lenda e foi promovido a Coronel por bravura.

Osório sintetizou, em 1879, tudo o que poderíamos dizer deste bravo, que 60 anos antes desembarcara no Brasil para ficar:

“Nenhum oficial do Exército prestou mais assinalados e assíduos serviços na Guerra da Tríplice Aliança, do que o valente comandante de nossa Artilharia.”

O Congresso Nacional reuniu-se em 5 de junho de 1839, em sessão especial, para demonstrar a Mallet “gratidão nacional àqueles que tão alto souberam elevar o nome da Pátria na guerra de honra em que o Brasil se achava empenhado”.

Saudades

O Marechal Mallet faleceu com 84 anos, no Rio, em 2 Jan 1885, decorridos seis meses após haver deixado o serviço ativo do Exército, por motivo de doença. Os seis anos de

campanha de que participou, dos 63 aos 68 anos, haviam minado a saúde do gigante.

Vivia agora sozinho. Era viúvo há bastante tempo de sua fiel companheira. Fizera tudo que era possível para demonstrar amor à sua Pátria, a Pátria de seus filhos. Mais, era impossível.

Impossibilitado de sair de casa, fardava-se com toda a pompa nas datas festivas nacionais, para, na intimidade do lar de seu filho João Nepomuceno, compartilhar da alegria justificada do povo de sua Pátria, que vira nascer e que ajudara a construir em 63 anos de assinalados serviços.

Dizem que ao ouvir o troar dos canhões nas salvas festivas viam-se rolar sobre sua face lágrimas discretas de saudades do Exército que tanto amara e da equipe que forjara e que tivera a honra de liderar nas guerras a que fomos obrigados no passado.

Um símbolo

Sintetizando biógrafos e intérpretes desta figura exponencial de nosso passado, de tão grande projeção nas aspirações do seu povo de Integração, Unidade e Soberania, poderíamos dizer de Mallet: padrão, regra, defensor, protetor, líder, nobreza de caráter, humildade, constância, dedicação, espírito de equipe, cidadão brasileiro modelar e, finalmente, *Artilheiro Símbolo do Brasil*.

O Estandarte do Regimento, o legendário *Boi-de-Botas* com que se cobriu de glórias na Campanha 1851-1852, encontra-se no Museu Histórico Nacional, no Rio.

Parque histórico

Para que Mallet permaneça no tempo e no espaço, para dele ser contado aos brasileiros seus feitos de patriotismo, abnegação e desprendimento comoventes para com as coisas de sua amada Pátria, a Pátria de sua esposa e de seus filhos e descendentes, foram-lhe prestadas as seguintes homenagens:

Em 1932 foi dado o seu nome ao 5.º RAM, atual 3.º RO 105 de Santa Maria — RS, a primeira unidade do Exército

a receber denominação histórica, a única a possuir a Ordem do Mérito Militar, Naval, Aeronáutico e a Ordem de Rio Branco e, herdeira das mais caras tradições históricas e espirituais do 1.º Regimento de Artilharia a Cavallo; à frente, ou junto ao qual, Mallet esteve durante longos e difíceis 19 anos, conduzindo-o no caminho da glória em Paissandu, Montevidéu, Ilha da Redenção, Passo da Pátria, Estero Belaco, Tuiuti, Estabelecimento, Tuiu-Cué, Espinho, Paricué, Humaitá, Piquiciri, Angostura, Lomas Valentinas, Peribebui, Caa-Cupê, Ascurra e Campo Grande.

Mallet é nome de um Estabelecimento Militar e de uma medalha destinada aos vencedores de concursos de tiro de Artilharia, todas, homenagens no âmbito do Exército.

Apresentamos nossa sugestão, desde que viável, erigir-se no local onde foi sua estância no Quebracho em Bagé — o Parque Histórico Marechal Emílio Luiz Mallet.

Foi na Estância do Quebracho que ele curtiu durante 20 anos, com humildade e nobreza, uma injustiça, somente amenizada pelo carinho da família. Injustiça não da Pátria ou do Exército, mas de regentes efêmeros, face à eternidade da Pátria Brasileira, no momento, assaltados por um nacionalismo passional, responsável, na sua utopia, por tantos órfãos e viúvas nas lutas que se seguiram à abdicação de D. Pedro I que ameaçaram seriamente a Unidade Física e Espiritual do Brasil, iniciada em Guararapes, com a vitória do nativo brasileiro sobre o invasor.

Finalmente, Quebracho foi a sua querência, o seu refúgio encantado e o alvo de suas atenções em campanha, local onde deixara sozinha sua esposa durante mais de 10 anos em que esteve na guerra. Pois todos os homens da casa partiram para o campo da honra em defesa da Pátria.

O ano do sesquicentenário é oportuno para o povo brasileiro tributar-lhe esta homenagem, reeditando a que lhe foi tributada pelo Congresso Nacional em 5 de junho de 1869.

Seus restos mortais repousam em jazigo perpétuo da família em monumento situado à esquerda da entrada principal do Cemitério de S. Francisco Xavier (Caju), no Rio de Janeiro.